

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2008

## O TEATRO AMADOR NO ALGARVE UM ESTUDO SOCIOLÓGICO (I)\*

“Se a política de cultura é uma invenção recente,  
ela é ainda mais recente entre nós (...) –  
tão recente que talvez nem se possa ter a certeza  
de que já tenha começado a existir”

E. Prado Coelho,  
apud C. J. Mendonça (Lisboa 2001) 105



Cena da peça “A Cantora Careca” de Eugène Ionesco, representada pelo *Grupo Cénico Quatro Ventos* em 1999.

---

\* O estudo que aqui se publica resulta de uma pesquisa efectuada no âmbito do seminário de *Sociologia do Teatro* da Pós-Graduação *Teatro Clássico e sua Recepção* (2006-2007), leccionada pelo Doutor Francisco Oliveira, a quem agradecemos a revisão do mesmo.

Longe de apresentar uma análise exaustiva, o presente estudo consistiu, em primeiro lugar, no levantamento de grupos de teatro amador da região algarvia e na análise dos respectivos dados, fornecidos não só pelas várias autarquias, mas também e numa segunda fase pelos grupos que responderam às nossas solicitações<sup>1</sup>. Vista a partir de uma perspectiva sociológica, a análise dos dados da amostra será orientada no sentido de observar a relação osmósica existente entre teatro e sociedade no microcosmo da população algarvia representada.

Na verdade, das treze Câmaras interessadas, apenas seis registam um número de grupos de teatro amador considerável, entre um a cinco grupos, são elas: Portimão, Albufeira, Faro, Silves, Loulé e Lagoa. Estes concelhos apresentaram o total de vinte grupos de teatro amador.

No final, apenas cinco grupos participaram na nossa pesquisa, sendo cada um deles de uma cidade diferente: o Grupo Cénico Quatro Ventos de Albufeira, o Grupo de Teatro Penedo Grande de Silves (São Bartolomeu de Messines), o Grupo de Teatro Amador de Quarteira, o 100Palavras/ Companhia de Loulé e o Grupo Boa Esperança de Portimão. Eis o nosso universo de pesquisa — cinco grupos de quatro Municípios diferentes, sendo o de Loulé representado por dois.

Foi nosso objectivo procurar nas respostas aos dois pontos principais da entrevista — “Perfil do Grupo Teatral” e “Organização e Composição dos Grupos” — as similitudes e contrastes que se estabelecem entre os diversos grupos de teatro.

Optámos por uma análise horizontal com vista a desenhar uma visão de conjunto da amostra e a obter um panorama que facilite a interpretação dos dados e neles colha ilações sociológicas verosímeis<sup>2</sup>.

Os grupos que compõem o universo de amostra apresentam entre quarenta e três anos de actividade teatral, sendo o mais antigo o Grupo Boa Esperança, fundado em 1966, e o mais recente, o 100 Palavras/ Companhia de Loulé, formado no ano de 2004. Quanto aos restantes, o Grupo de Teatro

---

<sup>1</sup> Foram contactadas todas as Câmaras da região do Algarve, à excepção de Lagos. A maioria das autarquias respondeu, menos Olhão e S. Brás de Alportel. Apesar de terem sido estabelecidos todos os contactos, foram, curiosamente, os grupos de teatro amador os menos receptivos ao nosso pedido.

<sup>2</sup> A leitura sociológica dos dados das pesquisas será publicada posteriormente, no próximo número desta revista.

---

Penedo Grande conta com vinte anos de actividade, o Grupo Cénico Quatro Ventos com doze anos, e, por último, o Grupo Teatro Amador de Quarteira tem oito anos de experiência teatral.

A maioria dos grupos teatrais propõe-se atingir objectivos comuns, como seja imprimir o gosto pelo teatro nas populações locais, investindo na formação teatral e na encenação de peças de dramaturgos nacionais, apostando ainda na valorização da cultura popular, factor de atracção para todas as camadas sociais e faixas etárias. O Grupo de Teatro Penedo Grande referiu ainda que tem como fim levar o teatro às zonas mais interiores da Serra Algarvia, de modo a dar a conhecer a todos o teatro e peças da dramaturgia portuguesa. Duas companhias, o Grupo de Teatro Amador de Quarteira e o Grupo Teatro Boa Esperança procuram valorizar a cultura popular algarvia; o representante desta última refere mesmo que nas suas peças introduz sempre “sotaques e regionalismos das várias localidades algarvias”, difundindo hábitos, costumes do litoral algarvio, de modo a salientar as diferenças existentes entre a população do litoral e a serrana. Do mesmo modo, o Grupo de Teatro Amador de Quarteira procura também valorizar “o teatro dito popular”, investindo na dramatização de quadros de Revista Popular.

Os grupos compõem-se de um núcleo de actores que oscila entre os nove e os doze actores, sendo o Grupo de Teatro Amador de Quarteira aquele que reúne o número mais elevado, vinte actores.

Comum a todos é o zelo e o investimento realizado no âmbito da formação dos actores, que participam intensivamente em *ateliers*, *workshops* e cursos de formação. Na maioria dos casos, os actores já trazem uma larga experiência teatral, principalmente os actores do Grupo de Portimão, o Boa Esperança, em que o *decano* conta já com uma experiência de vinte e cinco anos, mas com estatuto de “actor emprestado”, enquanto os dois mais novos têm experiências de dois anos e os restantes entre 3 e 18 anos de palco. Contudo, segundo os dados fornecidos, já não se encontra nenhum actor dos tempos fundacionais do grupo, o ano de 1966.

Além disso, a maioria dos agrupamentos dispõe ainda de equipas técnicas que reúnem funções como carpintaria, maquinaria, luminotecnia, sonoplastia, e gabinetes de imagem e produção, estes últimos referentes ao 100 Palavras / Companhia. O único que não se insere neste padrão é o Grupo Cénico Quatro Ventos, que não tem uma equipa técnica previamente constituída, pois o trabalho é executado pelo que “ficar de fora”, conforme referiu o seu representante.

O único grupo que apresenta um conjunto de objectivos relativamente diferentes dos já evocados é o 100 Palavras / Companhia de Loulé, fundado em 2004, que persegue os seguintes fins: o investimento na formação teatral, a pesquisa e experimentação de métodos e técnicas diversas e a inovação sistemática nas representações. Além disso, o presidente procura estimular os contactos com outros grupos, tanto amadores como profissionais, pois considera “indispensável ao actor ver teatro com formas, géneros e estilos diferentes”. Estes contactos são promovidos pela própria companhia, que convida actores e atrizes para participar pontualmente em algumas produções, visitando frequentemente salas de teatro dos seus congéneres. À sua semelhança, o Grupo de Teatro Penedo Grande também refere que estes contactos são facilitados por ocasião dos Festivais de Teatro, quando se realizam intercâmbios com outros grupos da região algarvia.

No balanço do percurso realizado, todos os presidentes avaliam muito positivamente o trabalho desenvolvido pelo seu grupo, realçando os objectivos atingidos, a qualidade da produção e os ecos da comunicação social.

No caso do Grupo de Teatro Quatro Ventos, o representante referiu que a companhia foi distinguida, durante três anos consecutivos, com o prémio *Primus inter Pares* na área de teatro, anualmente concedido pela revista “Magazine Algarve”. Já o 100 Palavras/Companhia refere que a qualidade do trabalho desenvolvido tem sido notada pelas entidades locais, que começaram agora a dar apoio financeiro, nomeadamente a Câmara Municipal de Loulé.

Os temas tratados pela maioria dos grupos inserem-se no âmbito da crítica social e política. Tendo em conta as temáticas privilegiadas, o género que melhor as serve é, sem dúvida, a comédia, conforme alegam os representantes dos Grupos Boa Esperança de Portimão, Amador de Quarteira e o Cénico Quatro Ventos. Coincidente é o facto de todos, inclusive o 100 Palavras/Companhia, manifestarem a sua predilecção por autores contemporâneos ou temas relativos à actualidade.

Contudo, ainda que encontremos similitudes temáticas, cada grupo apresenta a sua especificidade, como é exemplo o Grupo Boa Esperança de Portimão, que tem preferência pela cultura popular local, procurando apurar o conhecimento de falares algarvios, de modo a reavivar certos regionalismos, conhecidos por todos, mas já somente usados por uma minoria da população. Assim, sempre que se prepara uma nova encenação, “é feita uma recolha de modos e usos das gentes do Algarve”, diz Carlos Pacheco, o representante do grupo. Sugestivos são os próprios títulos das peças, como por exemplo a do

ano de 2002 “Vai t’embora xouque”, ou a realizada em 2005 “Portagem tá tudo xarogado” ou “Pfuf Diebe!”, ou ainda a representada no ano de 2006.

Mas se é verdade que a população idosa que assiste aos espectáculos se sente identificada com falares e hábitos mais antigos, já as restantes faixas etárias dificilmente percebem o que se diz, conforme reconhece o próprio encenador:

“ ... a nossa maneira própria de falar. Essa é a nossa fórmula de sucesso, apesar de ser cada vez mais difícil para o público perceber o que nós dizemos. Qualquer dia temos que colocar legendas no palco”<sup>3</sup>

Os espectáculos deste grupo constam de dez quadros de comédia, um quadro dramático, quatro momentos de fado e de bailados, afigurando-se um espectáculo de difícil exequibilidade humana e material, chegando mesmo a durar três horas.



Imagem do cartaz do espectáculo “A Justiça que é linda” (2007)

À semelhança deste, também o Grupo Teatro Amador de Quarteira envereda pela Revista, apresentando um repertório bastante sugestivo; vejamos alguns títulos: “Tomem lá Revista”, peça encenada em 2002; “Tens

<sup>3</sup> M. Dionísio 2007: 26.

Razão, mas vais preso”, representada em 2005; “É disto que o povo gosta”, de 2006; “Tristezas não pagam dívidas”, actualmente em cena. Além destas, as duas primeiras peças representadas pelo grupo parecem ter-se integrado na dinâmica política de Quarteira, quando se deu a elevação a cidade: “Quarteira bate o Pé” de 1999; e, do ano seguinte, “Quarteira já é Cidade”.



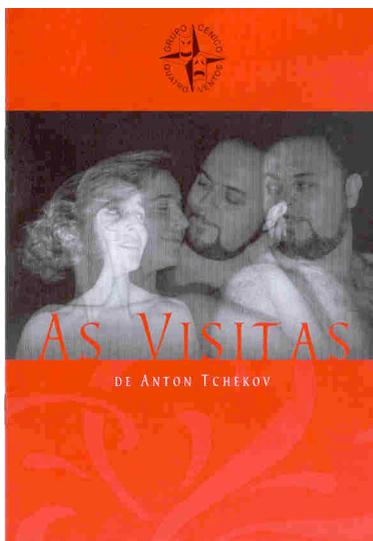
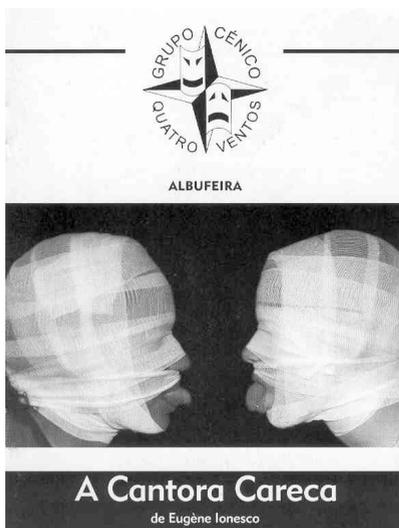
## Revista à Portuguesa É DISTO QUE O POVO GOSTA



Cartazes de duas Revistas realizadas pelo Grupo de Teatro Amador de Quarteira, apresentadas nos anos 1999 e 2006, respectivamente.

Os Grupos Penedo Grande e Quatro Ventos ofereceram um repertório de peças de dramaturgos portugueses, mas este último envereda mais pelo género da comédia, com títulos como a peça “A Birra do Morto” de Vicente Sanches, encenada em 2005, ou o texto de Almeida Garrett “Falar a verdade a mentir”, levado à cena em 2006.

Já na lista do Grupo de Silves, Penedo Grande, constam títulos que evocam dramas sociais, como “História de uma Boneca abandonada” de Alfou Sastre, o “Gebo e a Sombra” de Raul Brandão, representada em 2003, ou o “Processo do Guerrilheiro” da autoria de Teodemiro Neto, peça encenada em 2005 que continuou ainda em palco, pelo menos, até ao ano 2007.



Cartazes de duas peças do Grupo Cénico *Quatro Ventos*, apresentadas nos anos 1999 e 2002 respectivamente.



Cena da peça *A Casa de Bernarda Alba* de Garcia Lorca, a primeira peça levada ao palco (1986) pelo grupo *Penedo Grande* (Silves).

À semelhança do perfil teatral, o 100 Palavras/Companhia de Loulé dista dos restantes pela especificidade do seu repertório, que, ao contrário dos restantes, prefere encenar textos originais, como é o caso das peças que apresentou no Festival do Mediterrâneo nas temporadas de 2004/2005 “ANKH – Os Mitos em Nós”, e de 2005/2006 “Postais do Príncipe”<sup>4</sup>.

De todos, este grupo é o que manifesta um maior cuidado na escolha dos recursos cénicos, pois tudo deve estar em harmonia com a peça e com o significado da mesma: “Todos os códigos devem apresentar-se de forma inter-relacionada com vista à materialização de significações específicas e intencionais”.

Tal atitude coaduna-se também com os próprios objectivos do grupo, já anteriormente evocados, e com o carácter experimental do seu trabalho, conforme acentua o seu representante: “A unidade de acção talvez seja o aspecto que tem sido alvo de maiores experimentações.”



Cena da representação da primeira peça do 100Palavras/Companhia, “O pai natal algarvio” (2004)

<sup>4</sup> O *Festival do Mediterrâneo* surgiu em 2004, no âmbito da animação das “Cidades Anfitriãs do Euro 2004”, com o objectivo primeiro de divulgar a cultura dos países da Bacia do Mediterrâneo, nomeadamente nas vertentes musicais, gastronómicas, das artes plásticas, teatro de rua.

Todos os grupos sublinham que a preparação das peças é antecedida de um demorado trabalho de pesquisa.

No que respeita aos espaços de representação, só o Grupo Boa Esperança de Portimão possui uma sala de espectáculos própria, propriedade da Colectividade de Cultura e Recreio Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, em que o grupo de teatro se integra. Tal facto pode ser explicado pela própria longevidade do grupo, fundado em 1966, o mais antigo de todos, tendo conquistado um lugar insubstituível na cidade.

Os restantes grupos têm salas onde podem ensaiar, como é o caso do 100Palavras/Companhia, que utiliza a Casa de Povo de Querença, onde apresenta um espectáculo ou dois por ano. O mesmo sucede com o Grupo de Penedo Grande, que recorre às instalações da Sociedade de Instrução e Recreio Messinense, enquanto que o representante do Grupo Amador de Quarteira, fundado em 1999, aguarda a construção de um auditório no presente ano.

Os palcos que acolhem as representações dos grupos localizam-se, na maioria dos casos, na região algarvia, com espectáculos que garantem à partida grande adesão do público, sendo divulgados pelos meios de comunicação local. Exemplo disso é o Grupo Boa Esperança, que, quando se apresentou na arena parque em Portimão, contou com uma plateia de 3000 espectadores. Este grupo ainda apresenta anualmente cerca de setenta espectáculos na sala da Associação a que pertence, além de várias prestações televisivas.

Os espaços mais frequentes são as casas de povo, salões de Junta de Freguesia, centros comunitários, cine-teatros e espaços ao ar livre, quando se trata de festivais de teatro.

É evidente a ligação que existe entre o espaço de representação e o público-alvo, em todos os casos o público em geral, ainda que determinadas produções se destinem apenas a uma faixa etária específica. Por exemplo, no âmbito dos projectos de encenação, o 100 Palavras/Companhia oferece a peça “A Donzela e a Morte”, que é destinada a adultos, mas pretende desenvolver simultaneamente um projecto de teatro destinado ao público infantil e jovem<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A título de curiosidade, mencionamos as conclusões de um estudo levado a cabo no ano de 2000 sobre o Público do Algarve, no qual se demonstrou que esse público era maioritariamente constituído pelo género feminino, cerca de 70% do total, tendo o estado civil de solteiro e divorciado. C. J. Mendonça (Lisboa 2004) 145-173.

Apesar das similitudes constatadas a nível de repertório, o nosso universo de amostra apresenta, contudo, alguns contrastes no que diz respeito ao financiamento.

Com efeito, a maioria revela-se insatisfeita com o apoio financeiro prestado, como no caso dos Grupos Penedo Grande (Silves), Quarteira e Quatro Ventos (Albufeira), que, nos anos de 2005 e 2006, receberam financiamentos provenientes das respectivas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia. Ora o apoio prestado pelas respectivas entidades não foi sequer considerado suficiente para as despesas de som e luz. Por outro lado, o recente 100 Palavras/Companhia só na temporada de 2006/2007 começou a receber apoio financeiro da Câmara de Loulé, que optou por investir em material técnico de luz e som; esse apoio foi sentido como razoável, tendo em conta que a actividade fora iniciada apenas há três anos. Destaca-se o Grupo Penedo Grande de Silves, que se revela satisfeito com o apoio da Câmara e da Junta, que suporta as necessidades do grupo.

A partir da informação enviada, nomeadamente os cartazes, constatámos que o Grupo Amador de Quarteira é contemplado com inúmeros apoios de estabelecimentos comerciais locais, que parecem ser constantes em diferentes peças, como se pode verificar a nível de publicidade.

Curiosa é a situação do Grupo Boa Esperança, que, apesar da sua durabilidade, nunca foi contemplado com qualquer apoio financeiro do governo, tendo realizado várias candidaturas para a aquisição de subsídios, vivendo apenas de rendimentos próprios, e tendo-se auto-sustentado ao longo dos anos, como o director recorda aquando da preparação da última Revista encenada “A Justiça que é Linda”: “A Câmara Municipal e a Junta de Freguesia também deram alguma ajuda, não financeiramente mas a nível de publicidade”<sup>6</sup>.

O mesmo responsável lembra que o grupo tem necessidades não só a nível material, luz e som e novas infra-estruturas, mas também no que toca à formação teatral dos novos actores. Contudo, na mesma entrevista, entendeu deixar registado:

“todas as verbas que ganhamos são para sustentar o clube, implementar melhorias no espaço e apresentar espectáculos cada vez mais ricos e belos.

---

<sup>6</sup> D. Pina (s.d.) p. 37.

---

Temos, evidentemente, diversos patrocinadores e casas comerciais que nos querem apoiar para que isto continue”<sup>7</sup>.

Porém, estes ganhos não constituem fontes de financiamento constantes, como representaria o apoio prestado por uma Junta ou por uma Câmara.

Contudo, o fenómeno do auto-sustento do Grupo Boa Esperança de Portimão não se justifica somente pelos ganhos adquiridos pelo teatro. O projecto teatral constitui apenas uma vertente do projecto cultural levado a cabo pelo Clube Atlético Boa Esperança, já com setenta e oito anos de existência.<sup>8</sup> Na verdade, conforme Carlos Pacheco, o actual director da associação, refere: “Para existir um projecto cultural, têm que existir receitas próprias e não depender só de subsídios”. Assim, as verbas adquiridas com o teatro de Revista estão destinadas a requalificar a sala de espectáculos do grupo.

Conhecidos e comparados os dados fornecidos pelas entidades autárquicas e pelos grupos de teatro amador participantes, a segunda parte deste estudo consistirá na apresentação de uma leitura sociológica do panorama aqui exibido.

### **Referências bibliográficas**

- Alves, A. (2007), “Revista Portuguesa vai chegar à televisão”, *Correio da Manhã* de 11.02.07.
- Dionísio, M. (2007), “Boa Esperança aposta no futuro e na renovação” in *Jornal Barlavento*: 25-26.
- (2007), “Boa Esperança volta a fazer rir à boa moda portimonense” in *Jornal Barlavento*: 24-25.

---

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> Na mesma entrevista, Carlos Pacheco conta como conseguiu levar a cabo este projecto cultural. Assim, tendo como objectivo construir uma grande sala de espectáculos, o caminho a percorrer até à sua concretização foi longo. O primeiro passo foi atrair a comunidade juvenil portimonense, instalando Internet gratuita e reconstruindo o bar. Conquistado o público mais jovem, renovou-se a academia de danças de salão, que atraiu pessoas de uma faixa etária mais elevada. Contudo, o maior empreendimento foi a construção de uma área comercial, que permite rendimentos financeiros consideráveis, com vista a que a associação consiga receitas próprias e possa contrair os empréstimos bancários necessários.

- Fernandes, A. et Duarte, L. (1991), *Teatro na Serra Algarvia*. Faro.
- Mendonça, C. J. (2001), *Políticas, Práticas Culturais e Públicos de Teatro no Algarve*, Lisboa.
- Monteiro, P. F. (1992), “Públicos de Artes ou Artes Públicas?” *Percepção Estética e Públicos de Cultura*, Lisboa: 71-86
- Pina, D. (s.d.), “Boa Esperança nas malhas da justiça” in *Algarve Mais*: 37-41
- Pinto, J. M. (1994), “Uma Reflexão sobre Políticas Culturais”, in AAVV, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Lisboa: 767-790.

**Sítios da Internet**

<http://www.ine.pt>.

<http://quatroventos.no.sapo.pt>.

ÁLIA ROSA C. RODRIGUES